

# Uma semana para o vídeo brasileiro

Há muito o que discutir. E mais ainda a mostrar do vídeo feito no Brasil. Esta é a proposta de uma atividade conjunta entre o Museu da Imagem e do Som e a Fotóptica, que de 8 a 14 de agosto promovem o 1º Festival de Vídeo do Brasil, aberto a todos os que produzem seus programas, dos amadores às estações comerciais de televisão.

"A iniciativa se justifica pelo crescimento do vídeo no Brasil. Primeiro, temos a idéia de mensurar essa produção — por isto o festival é aberto a todos. Depois, há mil temas a discutir, a começar por um que é muito complicado, a própria legislação do videocassete." Ivan Negro Ísola, diretor do MIS, admite que a potencialidade cultural da televisão pode aumentar na medida da descentralização da legislação e, neste ponto, a importância cultural do videocassete deve ser lembrada pelos participantes.

É certo que os interesses do MIS e da Fotóptica acabaram coincidindo para a realização do "Vídeo Brasil". Há necessidade de se mostrar essa produção — as inscrições vão até dia 5 de julho — e catalogá-la, fazendo-se uma espécie do *Who's Who* do vídeo brasileiro. Há, oficialmente, quatro categorias em que podem ser apresentados os vídeos (do-

ocumentário/reportagem, ficção, musical e outra livre para todas as experimentações, podendo aí serem incluídas as manifestações de vídeo-arte). "Haverá a parte competitiva da mostra, com prêmios que serão definidos no próximo dia 30, assim como o júri dessa premiação, que queremos bastante aberto, pois esperamos manifestações de todas as tendências." Ivan Ísola também prevê a mostra a produções que dificilmente poderiam participar de uma mostra competitiva, uma vez que além da limitação dos programas a um máximo de 60 minutos de duração há experiências realizadas por grupos em Rio Claro, Niterói e Diadema, que fazem programas com os eventos da própria cidade. "Seria injusto enquadrá-los nesta mostra competitiva. E como eles, há outros vídeos que mereceriam ser apresentados mesmo fora no festival."

Um dos esquemas paralelos ao festival é a participação das empresas que atuam no mercado de videocassete. Ivan Negro Ísola tem esperança, por exemplo, de que as câmaras nacionais sejam finalmente lançadas, quem sabe no próprio MIS, pois até hoje elas são contrabandeadas. "Seria um ótimo evento. De qualquer maneira, as empresas vão ocupar o segundo andar do MIS —

que será reformado esta semana, pois está num estado muito ruim, especialmente depois das últimas chuvas, que nos obrigaram a suspender a programação normal — em sets com seus produtos, mas participando, também, de uma experiência importante: faremos uma experiência com a televisão de 'mão dupla'. Isto é, quem estiver nesses sets também poderá participar dos debates. Esta experiência é importante para todo a televisão, a 'outra' parte também deve intervir."

Há uma preocupação com o "Vídeo Brasil" que o diretor do MIS ressalta: é preciso uma política de preservação da memória e uma das mesas-redondas do festival será exatamente sobre esse tema. "Quanto já se perdeu da história da televisão brasileira, por exemplo? Uma das funções do videocassete é esta e neste panorama todos devem estar enquadrados." Outras mesas previstas são "Relação Cinema e TV", "Perspectivas Futuras para o Vídeo", uma específica sobre a tecnologia no setor, e, se possível, um painel que desenvolva o tema do relacionamento da criança com o vídeo. "Estas são idéias. A pretensão não é pequena, mas é importante que a produção brasileira esteja aqui, seja no aspecto de qualidade como no de quantidade."



No MIS, um festival aberto a todas as manifestações dos produtores de vídeo no Brasil